

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
70.910 - Brasília - DF.

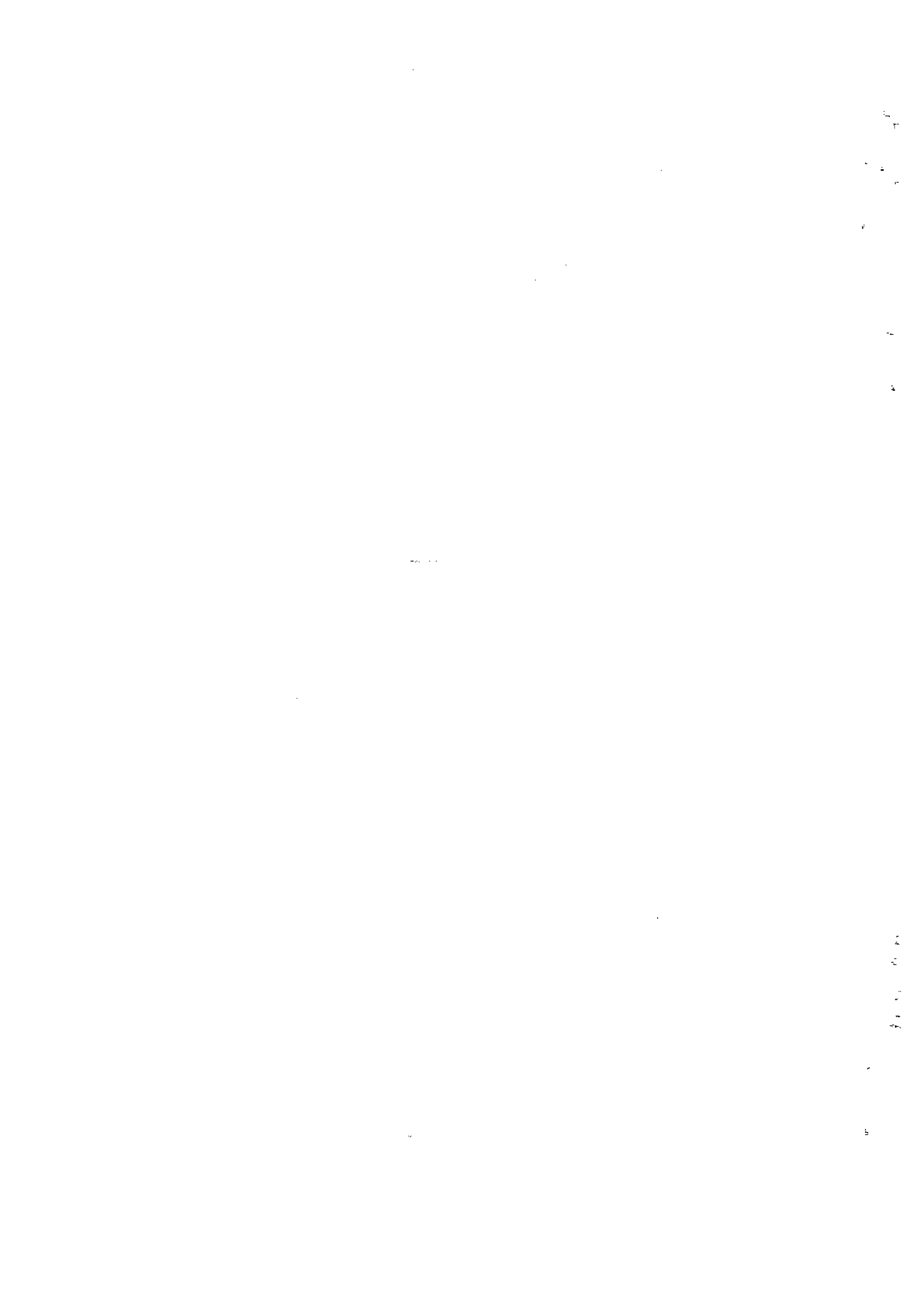
Fones.: 273.3264 - (Direto)
274.0022 - ramal 2368

SÉRIE ANTROPOLOGIA Nº 84

ACAMPAMENTO DE GRANDE PROJETO, UMA FORMA DE IMOBILIZA-
ÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO PELA MORADIA.

GUSTAVO LINS RIBEIRO

1 9 8 9



ACAMPAMENTO DE GRANDE PROJETO, UMA FORMA DE IMOBILIZAÇÃO DA FORÇA
DE TRABALHO PELA MORADIA. *

Gustavo Lins Ribeiro
Departamento de Antropologia
Universidade de Brasília.

O que leva um engenheiro a considerar como uma "gaiola de ouro" a luxuosa área em que vive em um acampamento da construção de uma grande hidrelétrica? Ou que os alojamentos coletivos para trabalhadores sem família em grandes projetos sejam chamados por muitos de Alcatraz? Neste artigo, a partir de um caso paradigmático - um acampamento da época da construção de Brasília anterior à sua inauguração (1957-1960) - analisarei as características internas desta forma de imobilização da força de trabalho¹. Também considerarei a importância dos estudos sobre imobilização da força de trabalho, sua relação com a expansão de sistemas econômicos e com a formação de sistemas regionais. Terminarei com algumas notas visando apontar a necessidade de se estabelecer uma tipologia morfológica da situação acampamento/grande projeto.

I) IMOBILIZANDO A FORÇA DE TRABALHO.

O estudo da "imobilização da força de trabalho" é de interesse não apenas para aqueles cientistas sociais que se

¹. Boa parte deste texto é um capítulo da minha dissertação de Mestrado (Ribeiro 1980) que foi enriquecido com o resultado de pesquisas e trabalhos subsequentes (Ribeiro 1987, 1988, p.eg.).

* a sair em Aldo Paviani (org.), Organização do Espaço e Lutas Populares em Brasília, Editora da Universidade de Brasília, no prelo.

preocupam com o surgimento das formas de exploração típicas do capitalismo. Num plano mais genérico, a imobilização da força de trabalho pode ser relacionada com a necessária sedentarização de populações humanas para o desempenho de atividades estáveis e sustentadas no decorrer do tempo em lugares determinados. Aqui a "imobilização" claramente se contrapõe à existência de populações nômades com suas lógicas internas, pertinentes seja à apropriação de recursos naturais em diferentes ecossistemas, seja à mediatização, via comércio, de diferentes sistemas econômicos. Isto não quer dizer que economias como a capitalista, por exemplo, não tenham espaço para populações nômades subordinadas claramente aos seus interesses, como aquelas chamadas por Marx de "proletariado nômade", de "infantaria ligeira do capital", ou ainda de "coluna móvel da pestilência", ao referir-se a trabalhadores vinculados a grandes projetos realizados no século XIX (sobretudo ferrovias)². A "imobilização" também se contrapõe à existência de populações sedentárias (ou semi-nômades) porém não vinculadas totalmente a sistemas integrados de mercado. Isto é, muitas vezes um sistema político-econômico que se expande absorve compulsoriamente uma determinada população já sedentária, pela intervenção direta nas suas formas de apropriação do espaço,

². A este respeito veja-se Leite Lopes (1988) "Anexo 1". Em meu trabalho sobre a Hidrelétrica Binacional de Yacyretá (Ribeiro 1988), obra em execução sobre o Rio Paraná na fronteira da Argentina com o Paraguai, elaborei, para interpretar um caso do que pode ser designado genericamente de "nomadismo industrial", a concepção de "circuito migratório dos grandes projetos" para dar conta da existência de trabalhadores migrantes, os bichos-de-obra, associados à execução destes empreendimentos.

através da criação de novas configurações espaciais residenciais e produtivas. Aqui um exemplo clássico é a missão religiosa que através da "redução" de índios semi-nômades em vilas padronizadas impede a reprodução do modo de vida anterior. Em suma, imobilização da força de trabalho é uma noção que remete aos interesses de um sistema político econômico que se expande e que, para tanto, necessita recrutar, administrar e controlar, temporaria ou permanentemente, populações humanas que lhe produzam consistentemente excedentes e riquezas. Entretanto, uma especificidade da sedentarização e concentração populacional promovida pelo capitalismo é a criação de um proletariado vinculado à indústria.

A discussão sobre "imobilização da força de trabalho" pode ser entendida como um sub-campo da vasta literatura sobre processos migratórios (entendidos no sentido amplo de movimento populacional e suas consequências) - em especial no que diz respeito à proletarização e criação de sistemas de trabalho migrante (veja-se Burawoy 1976; Balán 1980). Por outro lado, ela é parte da literatura sobre subordinação e disciplinarização da força de trabalho vinculada a sistemas industriais (veja-se, por exemplo, Foucault 1975 e Leite Lopes 1988).

A exploração mais sistemática sobre imobilização da força de trabalho é aquela do antropólogo José Sérgio Leite Lopes que, há anos, e num inconfundível estilo que combina filigranas historiográficas e etnográficas com uma sólida visão teórica, vem estudando a classe operária, suas condições de trabalho e, em

especial, a chamada "questão da habitação" (Leite Lopes 1976, 1979, 1988). No percurso que realizou, José Sérgio nos brindou com uma sofisticada contribuição para o entendimento das formas de imobilização da força de trabalho elaborando a noção de sistema fábrica com vila operária (Leite Lopes 1979).

A construção de uma vila operária anexa a uma grande unidade produtiva industrial localizada em área "isolada" ou rural, é uma solução clássica para a criação de uma força de trabalho disciplinada e permanentemente vinculada às necessidades produtivas de uma fábrica. No entanto, a vila operária promove não apenas o estabelecimento da relação capitalista/proletário, mas também uma forma de subordinação específica onde os interesses da esfera produtiva invadem claramente todas as outras esferas da vida cotidiana do trabalhador, submetendo ele e seu grupo doméstico, através da moradia, às necessidades da fábrica (Leite Lopes 1979). Com a persistência do sistema, a vila operária tende ao "transbordamento", pelo surgimento de uma população prestadora de serviços e de um amplo mercado de trabalho, transformando-se progressivamente em núcleo urbano.

A imobilização da força de trabalho através da moradia está associada a várias atividades industriais. Ela existe - seja temporária ou permanentemente - não apenas nos casos da usina de açúcar e da fábrica têxtil, tipicamente analisados por Leite Lopes, mas também na mineração e nas indústrias da construção

civil e petrolífera³. A presença de um sistema fábrica/vila operária, ou dos seus análogos mina/vila operária, grande projeto/acampamento, tem impactos evidentes na criação de núcleos urbanos e sistemas regionais, como o que acontece, por exemplo, com a configuração espacial do estado do Texas, nos EUA, da Patagônia, na Argentina (quando se trata da indústria petrolífera) e do sistema regional da Amazônia, no Brasil (quando se trata de grandes projetos). As célebres company towns, outra forma clássica de imobilização da força de trabalho, foram em grande medida responsáveis pela criação de vários sistemas regionais nos Estados Unidos⁴. As diversas formas de imobilização da força de trabalho são, portanto, centrais não apenas para o surgimento de grandes unidades produtivas capitalistas mas também, e com um efeito muito maior em termos da expansão e permanência de sistemas econômicos, para a constituição da malha regional onde circularão mercadorias, riquezas e força de trabalho⁵.

Com a crescente disponibilidade de energia e informação que caracterizam algumas economias capitalistas do Hemisfério Norte, disponibilidade esta possibilitada pela grande extensão da rede elétrica e pelo desenvolvimento da telecomunicação e da

³. Neiburg (1988), utilizando a noção de sistema fábrica/vila operária, estudou a evolução de uma indústria de cimento na Argentina.

⁴. Sobre esta questão ver, por exemplo, Olien & Olien (1982), Rofman (1973), Becker (1986) e Allen (1966).

⁵. Para uma análise sobre grandes projetos e a formação de sistemas regionais veja Laurelli (1987).

informática, a concentração espacial tipicamente promovida pelo capitalismo industrial, visando otimizar o uso dos fatores produtivos, deixa de ser estritamente necessária, salvo nos casos em que se esteja explorando algum recurso natural ou humano localizado em área isolada. Contemporaneamente, assistimos ao parcelamento dos processos produtivos dentro do sistema mundial⁶. Neste processo, o fator principal ainda parece ser disponibilidade de força de trabalho barata em regiões relativamente isoladas (daí a existência de "novos" mecanismos como as ZPEs, zonas de processamento para exportação). Se esta tendência ao parcelamento em escala global persistir, certamente assistiremos ao surgimento de novas formas de imobilização da força de trabalho, como aquelas embrionariamente existentes em países asiáticos envolvendo mulheres e a indústria eletrônica⁷.

A seguir, me deterei na compreensão de uma forma específica de imobilização da força de trabalho, o acampamento de grande projeto.

⁶. O exemplo mais claro do novo parcelamento e da globalização do processo produtivo está na indústria eletrônica.

⁷. Para análises sobre formas contemporâneas de expansão econômica e subordinação de populações locais, veja-se a coletânea organizada por Nash & Fernández-Kelly (1983).

II) O SISTEMA GRANDE PROJETO/ACAMPAMENTO: UMA DESCRICAO A PARTIR DE UM CASO BRASILIENSE.

A necessidade de contar com milhares de pessoas para a realização de uma obra gigantesca, traz a questão da habitação para o primeiro plano no planejamento e execução de um grande projeto. Aqui tratarei especificamente de uma característica central de qualquer grande obra: a presença obrigatória de grandes acampamentos para dar conta da moradia das milhares de pessoas que acorrem ao território do projeto. Minha intenção também é mostrar o acampamento como uma forma de moradia que contribui para uma maior exploração da força de trabalho na medida em que, sendo uma forma diretamente ajustada à lógica da atividade produtiva, implica - à semelhança do que ocorre na relação fábrica/vila operária - numa efetiva subordinação da quase totalidade do cotidiano do operariado nele residente aos interesses da esfera da produção, adquirindo claros contornos de instituição total^o.

Grandes projetos, como a construção de Brasília, frequentemente ocorrem em áreas parcamente povoadas, atraindo trabalhadores migrantes e tornando a construção de acampamentos obrigatória. Se assim não fosse, haveria que deixar aos que chegam a decisão de construir suas habitações onde pretendessem, o que acarretaria um sem número de problemas dado que a relativa

^o. Vide a discussão introdutória sobre imobilização da força de trabalho e a última seção desta parte do artigo para uma definição de "instituição total".

dispersão populacional que provavelmente ocorreria, poderia implicar inclusive em ocupação de áreas destinadas à edificação da obra. Mais importante ainda, a dispersão dos trabalhadores implicaria em não poder efetivamente subordiná-los a um controle cotidiano ajustado aos interesses da atividade produtiva, o que é garantido pela imobilização da força de trabalho através do acampamento. Pode-se supor também que a não concentração de trabalhadores em pontos estratégicos para a realização de uma grande obra, implicaria num aumento da necessidade de infraestrutura para a manutenção da população na área: um maior número de estradas ligando os principais pontos do território da construção, mais reservatórios d'água, geradores de energia, delegacias de polícia, postos de saúde, etc. A dispersão implicaria, ainda, em que a solução comum de ter um único núcleo destinado a prestações de serviços seria insuficiente. Deste modo, seriam necessários diversos núcleos menores, mais difíceis de serem controlados e com maior custo de construção. Sem dúvida a concentração de população em pontos estratégicos para a atividade produtiva é altamente funcional para a realização de um grande projeto.

A presença obrigatória do acampamento - em que pese num primeiro momento poder aparentemente ser considerada como um investimento de capital fixo do tipo não-produtivo (Leite Lopes 1976: 110) - no desenrolar dos trabalhos demonstra sua grande organicidade para a manutenção das características mais amplas necessárias ou típicas da exploração da força de trabalho

vinculada a um grande projeto. Há que frisar que é comum, como no caso da construção de Brasília e da represa Hidrelétrica Binacional de Yacyretá na fronteira paraguaia-argentina, que os capitalistas individuais, representados pelas diversas empresas de construção, não tenham que computar em seus gastos as despesas com construções de acampamentos uma vez que estas são assumidas pelo Estado. Em Brasília, o presidente da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital), órgão governamental responsável pela construção da cidade, ao explicar o relacionamento por ela mantido com as empreiteiras afirmou:

"Acréscce ainda a vantagem, pelas condições peculiares das construções em Brasília, que os acampamentos, que representam percentagem apreciável no custo das obras, são de propriedade da NOVACAP, que os utiliza para outros serviços sem necessidade de novo investimento para esse fim" (Diário de Brasília 1959: 274)⁹.

José Sérgio Leite Lopes e L.A. Machado da Silva ao analisarem a situação de fábrica com vila operária, apontam para uma completa dependência do capital que se refere "não somente àquela que se estabelece entre o produtor direto e o seu patrão ao nível do trabalho, mas também à que se estabelece, entre esses mesmos atores, ao nível da moradia; não somente portanto com relação à produção, mas o capital controlando também a própria materialização da reprodução do trabalhador" (1979: 13-14). Como sabemos, a construção civil é uma atividade produtiva que implica em uma imobilização da força de trabalho passível de ser

⁹. "Diário de Brasília" é o nome de uma coleção de diversos volumes, organizada e editada pelo "Serviço de Documentação da Presidência da República".

classificada como "situação de completa dependência do capital" que, contudo, não se realiza através da forma vila operária (dado o próprio caráter "itinerante" da construção civil"), mas da forma alojamento provisório, ou sua forma mais agigantada e complexa, o acampamento¹⁰.

Assim, se os alojamentos são comumente encontrados nos canteiros de obras de construções individuais, num grande projeto, isto é num complexo combinado de várias construções parcelares, deparamo-nos com a presença de diversos grandes acampamentos, ou melhor, de diversas áreas articuladas num gigantesco acampamento. Estas áreas, além de terem basicamente o objetivo de prover residência para a população engajada no projeto, incluem também equipamentos ligados à reprodução da vida no território da construção (por exemplo, cantinas, posto de saúde, armazéns, clubes, etc.) já que são consideráveis aglomerados localizados em territórios sem maiores prestações de serviço pré-existentes. Não é por outro motivo que, na construção de Brasília, criou-se um território "livre", o atual Núcleo

¹⁰. É conhecida a presença dos alojamentos como forma de moradia operária relativa ao ramo da construção civil. Leite Lopes (1979: 44-45), ao mencionar a presença de grupos domésticos em vilas operárias, afirma: "No entanto, podemos vir a pensar no caso da manutenção, por parte do patrão, de alojamentos para trabalhadores individuais sem família, materializados nos galpões e barracas em empreendimentos como obras públicas, construção de estradas, barragens, construção civil, etc., e mesmo de certas fábricas...". De fato, mais adiante veremos a clara predominância de trabalhadores sem família nos acampamentos. Sobre alguns aspectos da imobilização da força de trabalho na construção civil ver, por exemplo Pimentel (s.d.: sobretudo p. 23 e seguintes). Veja-se também a tese de livre docência de Ronaldo do Livramento Coutinho (1975).

Bandeirante, uma área de comércio e serviços destinada a atender à população trabalhadora residente, na sua maioria, em acampamentos (veja-se Ribeiro 1982 e Bicalho neste volume).

1. Organização e Características Internas do Acampamento.

Em Brasília os grandes acampamentos vão sendo montados à medida em que a intensidade dos trabalhos vai aumentando e novas empreiteiras vão se engajando na construção¹¹. Em virtude das características da população que se dirige para o território do projeto, e é selecionada para trabalhar na obra (homens jovens, com saúde e desacompanhados de suas famílias), o objetivo central é prover habitações coletivas para um grande número de trabalhadores sem família. Assim, nos acampamentos é onde se encontra a menor proporção mulheres/homens no território da construção da nova capital. Neles o "déficit" feminino chegou a

¹¹. A solução para a moradia da população engajada na construção foi planejada em termos de três conjuntos básicos considerados como provisórios: (a) aquele dos acampamentos destinados aos empregados da companhia pública, a NOVACAP, na área conhecida como Candangolandia, (b) os acampamentos das empreiteiras vinculadas sobretudo à construção do Eixo Monumental (Praça dos Três Poderes, Esplanada dos Ministérios, Rodoviária, etc.), que conformaram a chamada Vila Planalto, e (c) a Cidade Livre, centro de prestação de serviços que mais tarde se torna a cidade satélite do Núcleo Bandeirante. Este esquema, clássico em grandes projetos, rapidamente foi superado pela chegada de sucessivas levas de migrantes que passaram a ocupar áreas não destinadas a residências e das quais surgiram as primeiras cidades satélites de Brasília (Ribeiro 1982).

expressar-se numa cifra de 179 mulheres por 1.000 homens (IBGE 1959: 7)¹².

A importancia dos acampamentos como solução habitacional pode ser percebida no Censo realizado em 1959 (IBGE 1959: 40) que dividiu o território da construção em Acampamentos (28.020 habitantes), Núcleos Provisórios (17.761 habitantes), Núcleos Estáveis (6.277 habitantes) e Zona Rural (12.256 habitantes). Os habitantes dos acampamentos formavam 43,5% da população total do território (64.314), ou ainda, retirando-se desta cifra a população da zona rural, 53,8%. Frisemos que o Núcleo Bandeirante, um aglomerado de casas de madeira totalmente marcado pela presença de comerciantes e classificado como "núcleo provisório", contribuía com uma população de 11.565 pessoas¹³.

Outra maneira de ver mais de perto a importancia dos acampamentos, é procurar entender sua organização interna e seu significado para seus moradores. Desta forma, nos deteremos mais detalhadamente sobre um acampamento, parte da Vila Planalto,

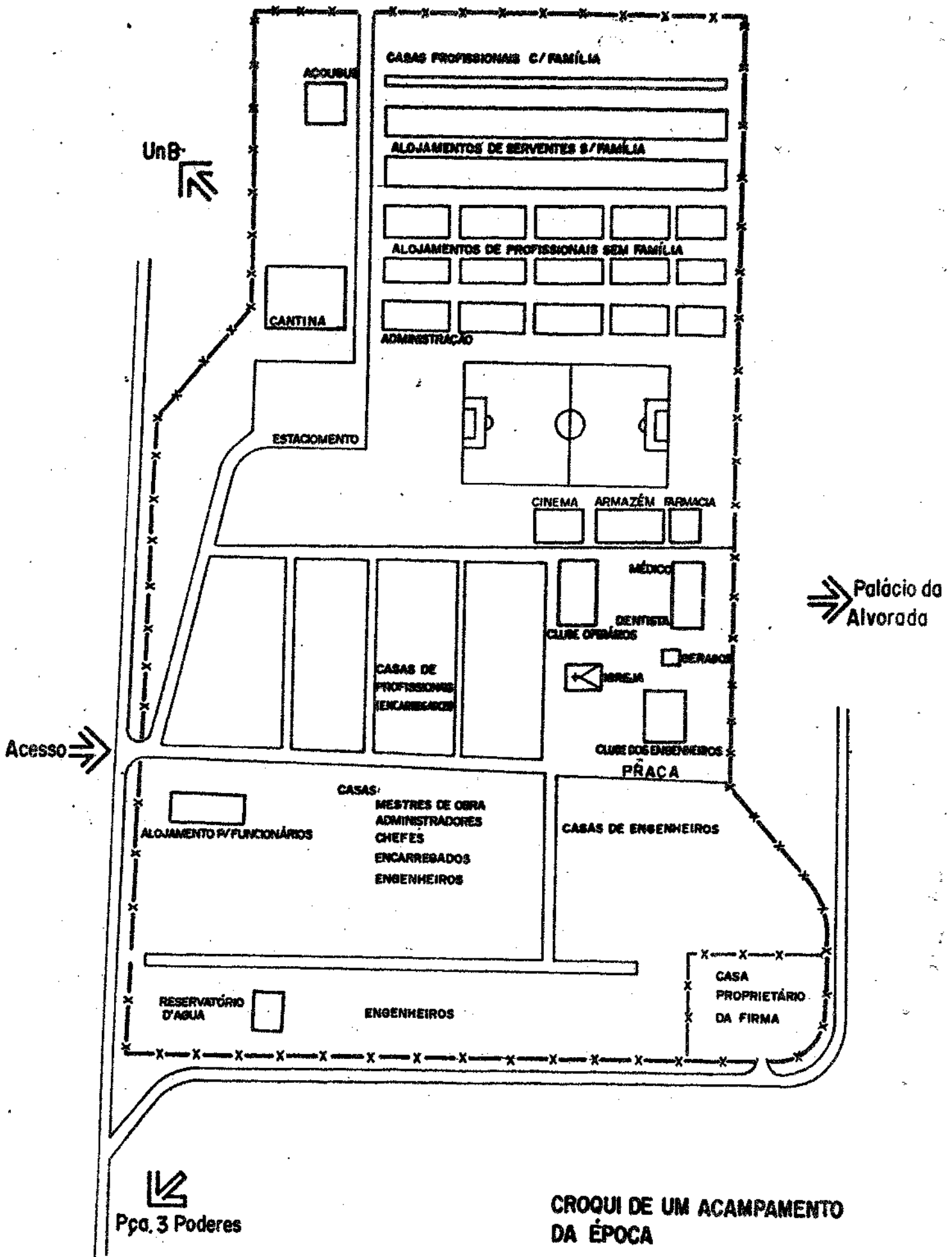
¹². A baixa presença de mulheres nos acampamentos é indicadora da ausência relativa de famílias. Ver, mais adiante, as cifras relativas ao que o Censo de 59 classificou como grupos familiares e grupos conviventes.

¹³. Na classificação do Censo de 59 os Acampamentos compreendiam o Central da NOVACAP e Candangolandia, o da Praça dos Três Poderes (Vila Planalto), o Plano Piloto-Zona Sul (das diversas quadras em construção) e outros. Os Núcleos Provisórios incluíam o Núcleo Bandeirante e o Bananal ou Vila Amauri, "invasão" próxima à Vila Planalto e construída na área do futuro Lago do Paranoá. Os Núcleos Estáveis eram Taguatinga (iniciada em 58), Planaltina e Braslândia, cidades goianas pré-existentes à obra (IBGE 1959: x).

da firma construtora Redonda¹⁴. A escolha deste acampamento deve-se ao fato dele fazer parte do conjunto maior que estrategicamente se localizava próximo à Praça dos Três Poderes e da Esplanada dos Ministérios onde grande parte das principais obras públicas se desenvolvia (palácios, ministérios, rodoviária, Teatro Nacional, por exemplo). Além disto, este é um dos únicos acampamentos ainda existentes que, com relativa facilidade, permitiu-nos tanto encontrar informantes que nele vivem desde a época da construção quanto reconstruir da melhor maneira possível sua configuração espacial original ¹⁵.

¹⁴. No texto, Redonda e Oval, são denominações fictícias.

¹⁵. Agradeço ao arquiteto Luís Augusto Jungman Andrade quem gentilmente acompanhou-me várias vezes à área para confeccionar os croquis apresentados nas páginas seguintes. Para a elaboração do croqui do acampamento da Redonda foi imprescindível a colaboração de um informante com quem várias vezes percorremos a área, quando identificava-nos, além das construções hoje existentes, as marcas de cimento que indicam as bases de prédios já derrubados. É claro que não pretendo que este croqui seja reprodução fiel do acampamento original, visto que modificações no seu contorno e no seu interior foram introduzidas no decorrer do tempo. Além disso, há que se considerar que, apesar do acampamento da Redonda ser um exemplo típico, parece ter sido um dos mais equipados em termos de disponibilidade de serviços internos, talvez justamente por ter sido um dos maiores (acreditamos que podia abrigar uma população entre 2.000 a 3.000 pessoas). Seguramente outros acampamentos dispunham de organização interna com separações e diferenciações espaciais e sociais mais rígidas.



CROQUI DE UM ACAMPAMENTO DA ÉPOCA

O resultado obtido nesta precoce arqueologia permitiu a percepção de como as características estruturais de um grande projeto migram, no sentido geertziano (Geertz 1978), para a organização espacial interna do acampamento, condicionando-a. Neste sentido, a lógica que orienta sua construção reflete basicamente duas linhas, advindas tanto da lógica da atividade produtiva, quanto das particularidades da população presente no território, elas mesmas determinadas pelas características da força de trabalho própria ao desempenho de um grande projeto (veja Ribeiro 1987).

Destaquemos, em primeiro lugar, a relação especular entre a organização espacial do acampamento e a hierarquia própria ao sistema produtivo do setor da construção civil, sobretudo no que diz respeito, num primeiro momento, à distinção serventes/profissionais, e, num segundo momento, deste conjunto de trabalhadores e os controladores da produção (encarregados, mestres-de-obra, engenheiros, administradores, etc.). Em segundo lugar, salta aos olhos a ausência relativa de mulheres e famílias implicando numa concentração e separação espacial segundo a destinação das casas: unidades coletivas para trabalhadores sem família, unidades individuais para trabalhadores com família. Um informante chegou mesmo a dizer que no acampamento "só tinha a separação de sorteiro e com família. Daqui pra riba, família. Daqui pra baixo, sorteiro". Um servente, residente no mesmo acampamento, relembra que "toda a vida a firma trazia separado. Sorteiro de um lado, família de outro. Nunca morou junto. Não

morava peão sorteiro morando com família, essa mistureira. Naquela época tinha muito respeito, por isso que separava".

Ao se pensar a configuração espacial do acampamento como um continuum permeado pela lógica da hierarquia da construção civil e pela ausência relativa de mulheres e famílias, vê-se que há uma ruptura neste continuum que define a existência de dois lados. A manifestação concreta desta ruptura é o grande espaço vazio, definido pelo estacionamento de caminhões e pelo campo de futebol que separa um lado basicamente masculino/sem família e formado por serventes e profissionais, de um outro lado basicamente reservado aos controladores da produção com suas famílias, com uma presença feminina marcadamente superior, portanto.

É certo que a presença de algumas casas de profissionais com família no lado "masculino" do acampamento polui um pouco a divisão do espaço obedecendo ao sexo. No entanto, a presença destes profissionais com família confirma a divisão básica entre trabalhadores e controladores da produção e deve ser entendida tendo em mente o número reduzido destas casas, tanto comparativamente ao número de profissionais residindo em alojamentos coletivos masculinos (calculamos um número máximo possível em torno de 550 deles), quanto ao fato da totalidade de controladores da produção ter acesso a habitações individuais com suas famílias. E como se a condição de profissional não remetesse ainda a uma posição na hierarquia da construção civil que permitisse o acesso de todos os trabalhadores nesta categoria a habitações individuais (sobretudo localizadas no lado

"privilegiado" do acampamento), livres da incômoda e frequentemente perigosa (para suas famílias) vizinhança dos alojamentos coletivos com suas grandes populações masculinas¹⁶. O fato da grande maioria das residências individuais se destinar aos controladores da produção e, residualmente, aos profissionais (em detrimento de todos serventes) reflete tanto o maior poder de barganha dos trabalhadores qualificados (por força da própria lógica hierárquica da construção civil), quanto o fato de que, grosso modo, os trabalhadores ao chegarem em nível mais qualificado de seu treinamento também encontram-se num momento de suas vidas onde já constituíram famílias. Assim, contratar trabalhadores mais qualificados ou trazê-los para a construção de Brasília implicaria em prover também alojamento para seus familiares, sob pena de não possuir argumentos (extra-salário)

¹⁶. É fato que os acampamentos não primavam pela segurança individual dos seus habitantes:

"- Mas num tinha muita ordem naquela época aqui não?

- Tinha ordem o quê! Tinha ordem o quê... dentro desse cinema mesmo aí ó, no tempo da Redonda aí, um sujeito deu um tiro num aí, esgotou sangue pra danar. Isso aí toda vida foi bagunçado. Que o povo do Norte num tinha dó de ninguém mesmo. O pessoal do Norte, cê sabe, bebe pinga e quer pôr faca nos outro mesmo. Eles num tem dó de ninguém. Pega um dinheirinho aí, já dana nos boteco beber pinga, jogo e rastar mala" (manutenção de máquinas).

"Na própria Oval (outro acampamento), um encarregado lá matou um soldado, fuzileiro naval aqui em Brasília, trabalhando de eletricista em obra! ... Um fuzileiro naval! Trabalhava de eletricista numa obra. Chefe de uma seção, né. Foi consertar lá uma lampada e foi obrigado a desligar a luz do alojamento de um encarregado lá, pra poder fazer a ligação que ele num ia fazer com a luz ligada. Ele foi, desligou, chegou o cara e perguntou: 'Quem foi que desligou a luz lá?' - Foi eu pra fazer essa instalação aqui. "Então desce da escada". O cara desceu, pensou que era pra conversar. Chegou, ele deu seis facada nele. Sem saber, sem conversar" (servente).

convincentes para o recrutamento, dadas as difíceis condições de vida vigentes no território de um grande projeto.

i. A Segmentação Dual do Acampamento da Redonda.

Detenhamo-nos, agora, sobre as características internas de cada um dos lados definidos anteriormente. O lado classificável como de trabalhadores sem família (serventes e profissionais), embora tivesse uma população relativamente maior, ocupava um espaço físico muito menor. Os alojamentos de serventes eram compostos de grandes blocos sem maiores divisões internas, abrigando muitas dezenas de operários. De fato, à medida em que o trabalhador situava-se em posição hierárquica mais alta, mais respeitava-se a sua condição individual, sua privacidade. Se os serventes tinham que utilizar espaços comuns para dormir (com grandes implicações para a higiene interna dos alojamentos), os profissionais já contavam com pequenos quartos ocupados no máximo por dois operários ¹⁷.

¹⁷. Até o presente, os alojamentos coletivos da construção civil apresentam, de modo geral, condições precárias. Vejamos o que nos diz um servente sobre o alojamento coletivo da construtora Oval (nome fictício) na época da construção:

"Porque aqui dormia uma camada embaixo, outra mais em cima, outra mais em cima... Então eles fizeram tipo belicho assim que dá pra um homem sentar, mais ou menos uns 80 centímetro [entre uma cama e outra]. Rapaz, ali dava tudo quanto era tipo de peste: rato, percevejo, pulga, tudo quanto era tipo de imundícia você podia encontrar naquela época aqui em Brasília. Doença, eu vou falar uma coisa, você nem imagina o quanto que a pessoa sofria sem saber o que é que tava sofrendo. E tudo, tudo.

- O sr. tinha cama sua ?

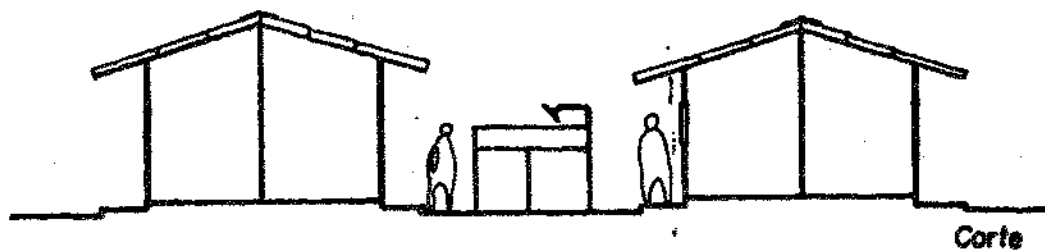
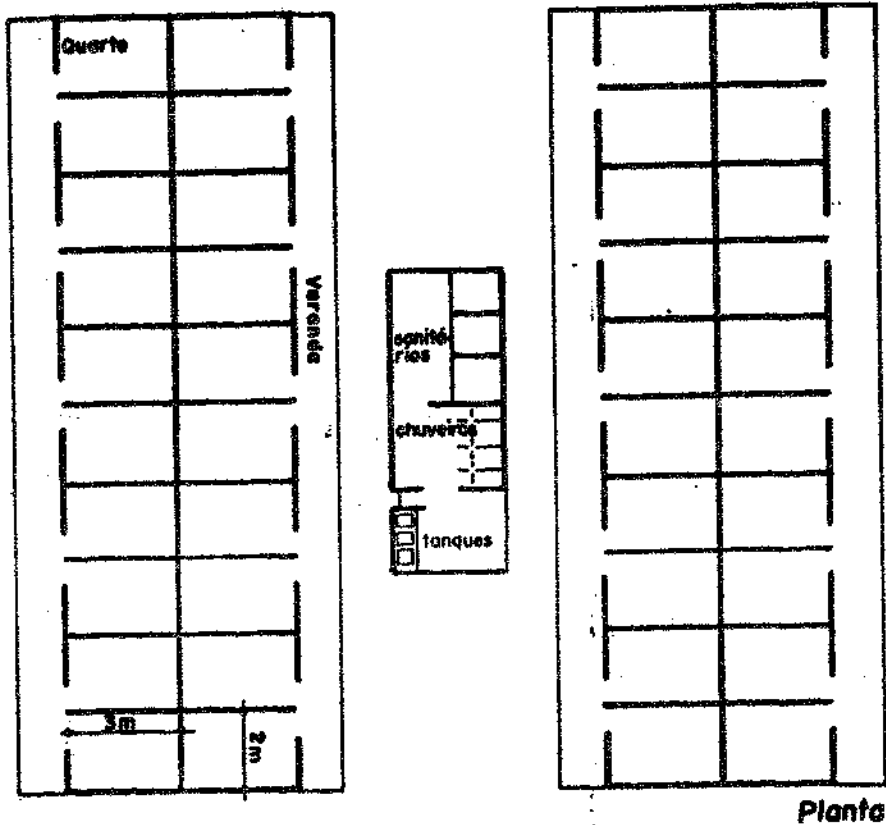
- Minha cama era numerada. A minha cama era 46. Eu chegava lá, botava aqueles lençolzinho que eu trouxe lá do Norte, todo

Os alojamentos de serventes e profissionais tinham o mesmo tipo de equipamento no que diz respeito à higiene pessoal e lavagem de roupas: um box de serviço ao ar livre, sem teto, apenas murado, com três sanitários, três chuveiros e três tanques, numa proporção de um conjunto destes para cada dois blocos de alojamentos (no caso dos profissionais, cada box atendia a uma população de oitenta homens; não é difícil de imaginar um déficit destes serviços, veja croqui da pg.20)¹⁸.

A presença dos escritórios da administração da companhia imediatamente ao lado do conjunto de alojamentos de trabalhadores sem família merece ser analisada. De fato, são estes operários que, devido às suas posições na base da hierarquia da atividade produtiva, estão mais subordinados ao controle e disciplina impostos na esfera da produção e estendidos ao acampamento onde residem. A administração da empresa, como se verá, controla estes trabalhadores não apenas dentro do cotidiano da atividade

branquinho. Eu dormia uma noite nessa, na outra noite eu olhava eu tinha nojo. Sabe por que? O percevejo já tinha me chupado tanto que o lençol tava todo vermelho de sangue. (...) Eu não dormia não - ficava a noite todinha com a luz acesa, olhando eles em cima dos outros chupando os outros. (...) O cara morto de trabalhar, lavava só os pés, os braço, as mãos, o rosto. Coragem de tomar banho ele não tinha, porque era a água fria. (...) Mas o cansaço era tão grande que ele trabalhava, dava tudo dele, o dia e a noite, o pedaço da noite. E o resto da noite o percevejo chupava o sangue dele".

¹⁸. Não nos foi possível estabelecer um número aproximado de moradores por blocos de alojamentos de serventes por estarem bastante destruídos tendo várias habitações individuais sido construídas sobre suas bases. Dada a usual utilização de camas beliches e mesmo redes, assim como a ausência de quartos mais individualizados, acreditamos que o número de serventes por alojamento seguramente era de algumas vezes o número de profissionais por alojamento.



**CROQUI DE ALOJAMENTOS DE
PROFISSIONAIS SEM FAMÍLIA**

produtiva, mas também sua vida extra-canteiro, intra-acampamento. Enfim, a proximidade física dos escritórios administrativos com os grandes alojamentos coletivos masculinos é um indicador do maior controle e vigilância a que estavam submetidos os operários que aí habitavam.

Como não poderia deixar de ser, a cantina situa-se também imediatamente ao lado do conjunto destes alojamentos. Este é o local ideal para sua localização visto que, no outro lado do acampamento, a grande maioria alimentava-se em suas próprias casas, com comida elaborada internamente pelo grupo doméstico. Além do mais, esta localização reflete também as necessidades de controle interno ao acampamento. Num grande projeto, a cantina talvez seja o único local onde, no cotidiano, o operariado se encontra, se visualiza como coletivo sentindo latentemente o seu poder de ação conjunta. Por isto, as cantinas de grandes projetos são consideradas como "o fusível da obra". De fato, elas são tradicionais locais de conflitos, às vezes bastante violentos como os chamados "quebra-quebra"¹⁹. É possível que o açougue localizado nos fundos do acampamento e próximo a uma pequena rua de serviço, se destinasse basicamente ao abastecimento da cantina.

Atravessemos agora o grande pátio formado pelo estacionamento e pelo campo de futebol e dirijamo-nos ao "outro lado" do acampamento, aquele onde residem basicamente os

¹⁹. Mais adiante descrevo um conflito ocorrido na cantina de um acampamento durante a construção de Brasília.

controladores da produção acompanhados de suas famílias. A primeira coisa que chama a atenção é a concentração dos equipamentos de serviço numa espécie de praça localizada ao lado de casas de encarregados e em frente às casas de engenheiros. Ai estão: cinema, armazém, farmácia, gabinete de saúde, gerador, clube dos engenheiros, igreja e clube dos operários. Este último, segundo um informante que nele trabalhou, foi fundado apenas nos finais de 1959, para responder e contrabalançar à pressão que faziam os trabalhadores sobre o clube de engenheiros, de existência mais antiga, que o queriam frequentar.

A diferenciação interna a este lado também reflete a hierarquia do ramo da construção civil já que se passa de um setor de casas individuais menores, destinadas em geral aos encarregados de turma, para um setor de casas que são cada vez maiores à medida em que se destinam a postos hierárquicos mais altos. Dos mestres-de-obras aos "chefes" e engenheiros, passamos ao ponto culminante do continuum da configuração espacial do acampamento: a casa do proprietário da firma²⁰. Esta se destinava às permanências esporádicas do proprietário da companhia no território da construção e, verdadeiro "castelo" de madeira separado do conjunto maior por cerca de arame farpado, possuía

²⁰. A categoria "chefes", de acordo com um informante, pode incluir desde o chefe do acampamento (seu administrador principal) até funcionários graduados da administração da companhia. No setor de casas de encarregados (que obviamente são profissionais) eventualmente se poderia encontrar algum profissional que entrou para esta área através de manipulações de relações pessoais com indivíduos que lhe pudessem liberar o acesso a este espaço.

sua saída privada para fora do acampamento como que a não obrigar seu morador à passagem pelas vias comuns aos caminhões de serviço e aos peões, possibilitando-lhe ainda uma saída estratégica.

Neste lado encontravam-se também alojamentos coletivos para funcionários dos escritórios da administração da companhia que por suas qualidades de treinamento (dominar relativamente a linguagem escrita, ter noções de contabilidade e de administração, por exemplo) e por estarem efetivamente vinculados ao controle da força de trabalho, tinham suas residências coletivas localizadas aí e não próximas aos alojamentos masculinos coletivos de serventes e profissionais. Eram dois blocos que se repartiam internamente em pequenos quartos. Finalmente, ainda deste lado, situa-se o reservatório de água que servia o acampamento. Sua localização parece dever-se às características físicas da área do acampamento, já que se trata de um ligeiro declive em direção ao Lago Paranoá. Contudo, não se deve descartar que esta localização do reservatório se dê por motivos de acesso e controle diferenciado a um importante recurso para a manutenção do acampamento. Leite Lopes (1988) mostra a importância do fornecimento e distribuição de água para a "administração autárquica" dos recursos naturais e humanos da Companhia de Tecidos Paulista, em Pernambuco, dentro do sistema fábrica com vila operária.

Estas são as linhas mais definidoras da configuração espacial do acampamento da Redonda. Em realidade, o acampamento, sua construção, configuração e utilização, é universo

privilegiado para perceber a estruturação do espaço de acordo com as diferenças de classe e, concomitantemente, às diferenças internas a um determinado ramo da produção. Dos miseráveis, sujos e apertados alojamentos coletivos dos serventes até a luxuosa e espaçosa casa do proprietário da companhia, a divisão deste espaço é claramente orientada pela lógica da esfera da produção tal qual expressa concretamente no ramo da construção civil. A existência de um lado destinado basicamente a residências masculinas e outro para residências mistas (portanto, um lado também feminino) reflete a ausência relativa de famílias, típica do território da construção de Brasília e de grandes projetos em geral (Ribeiro 1987). Desta forma, as características específicas deste acampamento da Redonda que, para efeito de análise dividimos em dois lados, advêm da esfera da produção. Porém, é evidente que estes lados mantêm relação entre si pois que são partes de um mesmo todo. Passemos, então, a entender esta totalidade.

ii. O Acampamento visto como uma totalidade. Uma Aproximação a uma Sociabilidade Específica.

O acampamento visto como uma unidade define-se basicamente por se diferenciar de outras pela cerca que lhe marca os limites espaciais e sociais. Acampamentos vizinhos, por estarem subordinados a companhias diferentes podem possuir regras

distintas, relativamente à organização da vida. Estas regras que em grande medida determinam o cotidiano de centenas ou milhares de pessoas, têm por matriz o poder exercido pela administração de cada empresa. O acampamento, então, tem sua administração interna, geralmente uma estrutura hierárquica onde existe um cargo de chefe com diferentes subordinados que vão até serventes encarregados da limpeza. A administração do acampamento, como parte do quadro hierárquico mais amplo da estrutura de uma companhia, obviamente subordina-se ao corpo administrativo maior, diretamente vinculado ao controle do processo produtivo. Assim, é claro que a administração do acampamento pode ser classificada como uma extensão da administração da atividade produtiva²¹.

Pela mediação da administração interna, as necessidades da esfera da produção passam a determinar vários aspectos da vida dentro do acampamento. Ressaltemos, por exemplo, a possibilidade de despertar vários operários de uma só vez garantindo a pontualidade e assiduidade dos trabalhadores, bem como impondo uma permanente disponibilidade para tarefas do interesse da companhia. Uma das indicações mais visíveis desta determinação, é o ajuste da atividade da cantina às demandas do processo produtivo que necessita ter organizadas a entrada e saída dos trabalhadores na obra para assegurar a continuidade do trabalho.

²¹. Leite Lopes ao estudar a imobilização da força de trabalho pela moradia em usinas de açúcar afirma que "a homologia que se dá entre a estrutura de moradia no território da usina e a estrutura hierárquica no processo de trabalho dentro da fábrica não se reflete apenas de maneira espacial na disposição de ruas e casas: ela se manifesta também na submissão à mesma autoridade tanto no domínio do trabalho quanto no da moradia" (1976: 176).

As várias turmas que saem para o canteiro em horários distintos, necessitam fazer suas refeições antes de começarem seus trabalhos específicos. Assim, o horário de oferta de alimentos na cantina é organizado de acordo com a saída das diferentes turmas. Estas em geral voltam para realizar refeições intermediárias (normalmente o almoço) ou suas últimas refeições do dia, isto é aquelas que, após serem feitas, os trabalhadores se recolhem para repousar. Deste modo, a cantina da Redonda oferecia vários horários de refeições começando o café da manhã às cinco horas, o almoço às dez horas da manhã e o jantar às quatro da tarde. O ajustamento do fornecimento de alimentos às necessidades da organização do trabalho fica ainda mais evidente quando, para as turmas que estão realizando jornadas do tipo virada que implicam em suas presenças a noite inteira na obra, refeições intermediárias são levadas ao local de trabalho e lá realizadas, para não se perder tempo no deslocamento dos operários até a cantina.

Dentro do domínio da influência da administração da companhia no cotidiano do trabalhador, ressalta o fato de que as formas de lazer passíveis de serem desempenhadas também situam-se num quadro cujo controle e deliberação escapa aos trabalhadores. A companhia virtualmente administrava o escasso tempo livre dos operários. Podemos supor que a programação do cinema local era orientada pela administração obedecendo tanto aos seus interesses quanto à concepção que teriam de que filmes seriam da predileção dos trabalhadores. O clube dos operários era passível de um controle mais explícito pois que seu funcionamento não deveria

quebrar regras disciplinares da rotina do acampamento como promover festas que se estendessem noite a dentro ou nas quais os trabalhadores se embriagassem. Uma das formas de lazer mais presentes nos diversos acampamentos era o time de futebol incentivado pela administração. A torcida pelo time de futebol da companhia pode representar um artifício pelo qual pessoas em posições diferentes dentro de uma hierarquia dirigem suas energias para um mesmo objetivo. Note-se que, frequentemente, o rótulo do time era o mesmo da companhia, o que certamente levava a torcida, um coletivo socialmente indiferenciado, a gritar e desejar que a companhia vença. Ou seja, através da torcida pelo time as fronteiras e diferenciações sociais são momentaneamente desfeitas e todos passam naquele período a se identificar com um ideal comum. Frisemos apenas que o que domina este ideal é que vença o time da companhia. Neste instante a companhia deixa de ser uma unidade diferenciada para adquirir a aparência de um todo homogêneo com interesses iguais e que são igualmente assumidos por seus membros²².

²². E Goffman que, no âmbito da distinção entre dirigentes e internados em instituições totais (veja-se nossa discussão mais adiante), ao qualificar as "cerimônias institucionais", ou seja as práticas "que exprimem a solidariedade, unidade e compromisso conjunto com relação à instituição, e não diferenças" e "através das quais os internados e a equipe dirigente chegam a ficar suficientemente perto para ter uma imagem um pouco mais favorável do outro, e a identificar-se com a situação do outro" (1974: 85), chama a atenção para o fato de que nos chamados "esportes internos" ao "torcer pela equipe da casa, a equipe dirigente e os internados mostram uma participação semelhante na entidade institucional" (1974: 95). Ainda no que diz respeito ao lazer, Leite Lopes afirma: "para completar o quadro da submissão do tempo livre dos operários à dominação da administração podemos assinalar que a própria organização do lazer nas usinas é

Porém, há um campo privilegiado para entender o poder da administração do acampamento e sua subordinação aos interesses da atividade produtiva: trata-se do controle e vigilância permanentes realizados por agentes da administração aos quais estão submetidos os operários no seu cotidiano interno ao acampamento. Este controle e disciplina pode ser encontrado desde a entrada no acampamento onde uma guarita vigia o movimento bem como revista os operários à procura de armas (geralmente peixeiras) ou da proibida e controlada cachaça. Vejamos como isto se dava no acampamento da construtora Oval segundo o relato de um pedreiro:

"As família ficava lá no fundo e bem cá em cima ficava o pessoal sem família. Separado. Era expressamente proibido entrar bebida alcóolica, era proibido o sujeito ter arma de qualquer espécie, ou faca ou canivete. Tinha uma guarda da companhia formada lá mesmo de serventes mesmo que eles formava a guarda pra dar plantão lá no portão pro sujeito entrar. Os guarda era pra justamente isso: o sujeito abrir portão pra entrada de carro no alojamento e revistar mala do sujeito quando o sujeito chega. O sujeito vai na rua, pra ver se ele entra com cachaça ou com arma, e também ver algum tumulto, algum possível tumulto que surge dentro do alojamento. O sujeito entrava com a mala eles revistavam a mala na entrada e tudo, né. Assim mesmo nego quebrava a vigilância e entrava com cachaça, tinha ... né?"

Outras expressões de disciplina são as filas para utilização de banheiros, bem como aquelas de entrada na cantina. Nesta o trabalhador segue também uma ordem estabelecida para conseguir sua alimentação. Estas formas de controle e disciplina interna, como está claro, não se dão por si mesmas. São realizadas por quadros de funcionários e vigias diretamente vinculados à

diretamente controlada pela administração" (1976: 179).

administração. Estes últimos têm uma dupla função: além de manter num primeiro momento a ordem de centenas de homens numa situação social incomum (grande estafa do trabalho conjugada com a subordinação a várias regras do seu cotidiano e à relativa ausência de mulheres), denunciar eventuais lideranças que se formassem em conflitos específicos.

De fato, os conflitos internos ao acampamento eram altamente controlados e, eventualmente, fortemente reprimidos. Em trabalho sobre a formação da configuração espacial por classes do Distrito Federal (Ribeiro 1982), registrei um dos episódios mais violentos da história da construção de Brasília:

"Definitivamente marcado na memória popular está um massacre de operários promovido pela GEB²³ em fevereiro de 1959, na cantina do acampamento da construtora Pacheco Fernandes Dantas, na Vila Planalto, devido a um conflito causado pela má qualidade da comida. São as mais variadas as versões sobre o fato, mas não se duvida do assassinato a sangue-frio de vários operários (inclusive foram metralhados os acampamentos onde vários homens estavam dormindo), cujos cadáveres teriam sido transportados em caminhões basculantes, para serem enterrados em vala de localização desconhecida. A responsabilidade por este crime não foi atribuída nem cobrada a ninguém em especial. Tudo por conta da grande repressão policialesca de então e do espírito de pioneirismo que não permitia paralisação de obras para averiguações tão "burocráticas". De qualquer modo, este massacre é a expressão agudizada de componentes como a má qualidade da alimentação nos acampamentos, disciplina e controle do operariado ao arbítrio das empresas, repressão policial violenta, dilapidação da força de trabalho, obediência ao prazo da construção sob qualquer argumento" (Ribeiro 1982: 119).

²³. Guarda Especial de Brasília, nome da violenta polícia da NOVACAP-Companhia Urbanizadora da Nova Capital, responsável pela segurança no território da construção de Brasília.

2. Acampamento de Grande Obra: Instituição Total?

A situação inusitada que cria a forma de moradia acampamento refletiu-se no Censo Experimental de 1959 quando ele classifica, "de conformidade com a natureza do vínculo de convivência", as famílias censitárias, "conjunto de pessoas moradoras em domicílio (unidade de habitação), seja particular ou coletivo", em grupo familiar (basicamente definido por parentesco) e grupo convivente que se definia "quando o vínculo de convivência fosse mais relacionado com o interesse comum, disciplina ou finalidade da própria instituição a que pertencessem os seus componentes - como é o caso de religiosos em conventos, hóspedes em hotéis e similares, militares em quartéis, estudantes em internatos, asilados em instituições de assistência ou amparo, etc." (IBGE 1959: 67, grifos meus). É tão marcante a presença destes "grupos conviventes" que mais adiante encontramos no texto a seguinte passagem: "em Brasília, a importância dos grupos familiares na constituição da população decresce consideravelmente, dada a elevada participação de grupos conviventes formadores dos acampamentos de obras" (idem).

Os acampamentos possuem altos índices de "grupos conviventes" em detrimento dos "grupos familiares". Aqueles que formavam a área da Vila Planalto, na qual se situa o acampamento da Redonda, tinham uma proporção de 70% de "grupos conviventes" para 30% de "grupos familiares" (ibidem: 68). A influência deste tipo de conjunto de moradias para a caracterização do território

da construção era tal que o Censo chega a considerar Brasília como um vasto acampamento (ibidem: 70).

Não obstante, além de informações de ordem quantitativa, o Censo, ao classificar os acampamentos com seus alojamentos como grupos conviventes, chama também a atenção para aspectos qualitativos, já que nesta categoria estão consideradas situações claramente classificáveis como instituições totais. Assim, a construção desta classificação censitária remete imediatamente para a constatação de uma situação residencial com particularidades próprias encontráveis nas instituições totais.

A caracterização destas instituições está feita por Erving Goffman :

"Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda instituição tem tendências de 'fechamento'. Quando resenhamos as diferentes instituições de nossa sociedade ocidental, verificamos que algumas são muito mais 'fechadas' do que outras. Seu 'fechamento' ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico - por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pantanos. A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais..." (Goffman 1974: 16).

Ao classificá-las, grosso modo, em cinco agrupamentos Goffman menciona "as instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões (do ponto de vista dos que vivem nas moradias de empregados)" (Goffman 1974: 17). Campos de trabalho é, na edição brasileira, uma tradução literal de work camps, ou seja,

acampamentos temporários para a realização de um trabalho, geralmente com casas coletivas e de população basicamente masculina. Assim, os acampamentos de uma grande obra podem ser considerados como um exemplo deste tipo de instituição, sobretudo na perspectiva da experiência dos trabalhadores menos qualificados. Segundo Goffman (1974: 18), as características centrais das instituições totais são:

- "todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade";
- "cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer a mesma coisa em conjunto";
- "todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários";
- "as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejados para atender aos objetivos oficiais da instituição".

Além disto, para ele o "fato básico das instituições totais" é o "controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas" (idem), o que necessariamente implica numa vigilância, portanto, na presença de indivíduos com funções de vigias, de guardas. Certamente devido ao caráter das instituições que Goffman estudou, algumas generalizações que estão implícitas na sua definição, podem ser questionáveis em análises de casos concretos. No tocante ao acampamento de uma grande obra da construção civil há que relativizar certos pontos.

Primeiramente, nem todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade, visto que a atividade

produtiva dos trabalhadores é obviamente efetuada fora do acampamento e, eventualmente, algumas atividades de lazer também. No entanto, devido ao vínculo orgânico mantido entre acampamento e canteiro de obras e à grande ausência de tempo livre, o acampamento pode ser considerado como uma extensão do canteiro (por se ajustar às determinações deste), ou pode ainda ser considerado como uma forma agigantada dos alojamentos existentes em obras individualizadas e que, aqui sim, compartilham a mesma unidade espacial da atividade produtiva. Devemos notar também que a entrada e saída dos indivíduos, se bem controlada, não é tão estritamente impedida quanto no caso do "internado".

Por outro lado, há presença de famílias, apesar de que em número bastante reduzido comparativamente ao total da população de um acampamento e isoladas de suas redes de parentesco mais extensas. Sabemos que Goffman (op. cit. p. 22) as considera incompatíveis com as instituições totais. No entanto, a presença de famílias não incompatibiliza a aproximação da forma de moradia acampamento com as instituições totais, uma vez que elas estão presentes em número reduzido o que acaba por determinar várias especificidades para o seu cotidiano nestes locais. Uma delas, e básica, refere-se a restrições ao comportamento dos seus componentes femininos dada a grande desproporção entre homens e mulheres vigente nos acampamentos. O depoimento a seguir é um exemplo onde se combina o poder do "chefe" do acampamento em dirimir conflitos pessoais dos moradores, com a questão da relação entre os sexos que era bastante controlada pelo temor de

que o grande número de trabalhadores sem família efetivamente se traduzisse em ataques sexuais às filhas ou esposas dos controladores da produção. É claro que o discurso do informante deve ser entendido num contexto onde a representação sobre o sexo feminino está permeada por noções de "honra", "castidade" e "virgindade", por exemplo:

"Tinha confusão aqui diariamente. Carlão (chefe do acampamento) porque era quente. Andava com uma camionete aí (...) qualquer coisa eles corria na casa dele ali... Tinha um sujeito que comeu uma moça perto daquele armazém ali. Ele morava aqui. Aí o guarda com vergonha de falar aquilo e programar... Um dia o guarda explicou um véio lá. O guarda chorando: ô fia da puta (imita o guarda chorando), aqui perto de mim e tal e coisa. A moça saiu aqui pra baixo chorando e o rapaz. Aí logo eles corre lá e chama o Carlão. Carlão desceu com a camionete aqui pra baixo fedendo azeite. Aí falou com o rapaz: como é seu sévergonha, você comeu, num comeu? Então, cê casa, viu, cê vai casar, aqui num é assim não, comeu cê tem que casar, uai. Largar a moça à toa, num fica não. Cê vai casar ou num vai? - Não, eu caso. Então tá certo. E ocê num foge não, hem? Cê fugir nós te busca. Carlão era o quente" (manutenção de máquinas).

Há que recordar que a similaridade entre formas de habitações proletárias construídas por capitalistas e as instituições totais, já foi alvo de considerações anteriores por parte de Leite Lopes e Machado da Silva (1979: 15-16). No entanto, os acampamentos - devido à temporariedade de suas existências, expressa inclusive no material de construção neles utilizado - mantêm várias especificidades que lhes diferenciam qualitativamente das vilas operárias. Uma comparação entre estas formas de habitação proletária surge também em texto de Leite Lopes (1979: 45):

"Esses casos de alojamentos pela própria empresa de mão-de-obra solteira, sem família, lembram as características das chamadas instituições totais (Goffman 1971)... uma aproximação dessas características com as barracas e galpões da construção

civil, das obras públicas, da construção de estradas, e etc., seria mais remota em virtude da breve permanência desse "proletariado nômade" nesses trabalhos, sua mobilidade e mudança constante de padrões atenuando a submissão temporária ao controle da empresa sobre a totalidade de sua vida cotidiana. Comparado com esse "proletariado nômade", a situação do proletariado estável das fábricas e minas que habita com suas famílias nas casas de propriedade do patrão se aproxima mais das características das "instituições totais" pela submissão à empresa nas várias esferas do trabalho, da moradia, do tempo livre e do lazer e pelo maior fechamento ao longo do tempo. No entanto, a própria presença da família no caso desse proletariado estável é incompatível com as características das "instituições totais".

Cabe, aqui, fazer alguns comentários sobre esta última citação. Primeiramente, logo em seguida, Leite Lopes reconhece que durante o período que o "proletariado nômade" (noção que toma de empréstimo a Marx) está imobilizado realizando um trabalho, o controle exercido pelo patrão seria maior ainda do que aquele existente na vila operária com um operariado estável "o qual contaria com a existência da família a colocar limites ao controle da empresa sobre a esfera doméstica do operário" (Leite Lopes 1979: 46). Numa situação de grande obra, que certamente é temporária (Ribeiro 1987) para muitos, os acampamentos estão muito mais próximos à caracterização das instituições totais do que as vilas operárias, dado inclusive o fato da presença de família se dar em número proporcionalmente menor e delas estarem praticamente impedidas de realizar uma série de atividades próprias à esfera doméstica, tanto ao nível do lazer como das estratégias econômicas que possam desempenhar enquanto unidades de reprodução da força de trabalho. A sustentação da afirmação de que os acampamentos das obras de construção civil têm características mais remotas do que as vilas operárias vis-à-vis

as instituições totais, pode, como notou Leite Lopes, apenas ser feita considerando-se a duração no tempo de cada forma destas em discussão. No entanto, parece claro que o período de trabalho no qual um "proletariado nômade" executa uma obra (que pode ser mais longo do que se imagina, a construção de uma grande hidrelétrica dura em média 10 anos, por exemplo), possui características visíveis de "instituições totais". Além disto, a experiência transitória dentro das instituições totais pode ser diferenciada segundo o caso e segundo os indivíduos, mas é característica de várias delas, como os manicômios, hospitais, prisões, etc. Mais ainda, existe um importante segmento de trabalhadores especializados que passa toda sua vida laboral de projeto em projeto, transformando o temporário em permanente, e desnudando por completo um tipo de nomadismo industrial²⁴.

Ressalte-se também que ao nível do senso comum são recorrentes as analogias que comparam os acampamentos com prisões ou campos de concentração (cf. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 13.6.58) ou que indicam um tratamento desumano dispensado aos seus "internados":

"Todos os acampamentos que tinha aqui era cercado. Tinha guarda e portão. O sujeito não entrava assim e liberdade, não. Pra entrar tinha guarda e portão. O senhor era dono de um acampamento, a sua turma, os seus peão tava tudo dentro do seu cercado. De vez em quando passava um peão pra olhar se a cerca tava boa" (servente).

"-Quer dizer que o pessoal que morava no alojamento tinha uma vida diferente?

²⁴. Na construção da Hidrelétrica de Yacyretá, no rio Paraná, na fronteira argentino-paraguaiá, encontrei até terceira geração de participantes daquilo que denominei o "circuito migratório dos grandes projetos" (Ribeiro 1988).

- Diferente dos outros. Era uma vida isolada, uma vida lá... do preso, né. É um preso, com condições só de trabalhar e receber o dinheiro, e sem condições de sair" (carpinteiro).

Finalmente, e resumindo, os acampamentos são objetos de reflexão central para o estudo de grandes projetos pelas razões que agora sintetizamos: 1) têm existência obrigatória e em quantidade numerosa num grande projeto; 2) ao permitirem concentrar os trabalhadores em unidades separadas entre si por cercas de arame farpado ou grandes espaços facilitam o controle da população do território da obra; 3) são um local básico de realização das pequenas parcelas extra-atividade produtiva do cotidiano dos trabalhadores; 4) implicam numa subordinação tal dos trabalhadores à mesma administração que controla o uso de sua força de trabalho que "as pequenas parcelas do cotidiano extra-atividade produtiva" se vêem penetradas e dominadas pelos interesses da esfera da produção; 5) é visível em suas configurações espaciais a influência da ausência relativa de famílias e mulheres; 6) implicam em regras de comportamento e divisões sociais do espaço nitidamente vinculadas às especificidades da produção de uma grande obra da construção civil, aproximando-os da caracterização de "instituição total".

III) PARA UMA TIPOLOGIA DOS ACAMPAMENTOS DE GRANDES PROJETOS.

A partir pelo menos da Revolução Industrial, grandes projetos como a construção de canais, ferrovias, cidades e hidrelétricas possuem uma história intimamente relacionada com a

expansão do capitalismo. Isto se dá seja por causa das poderosas articulações de interesses públicos e privados por eles realizadas, seja pela gigantesca mobilização de capital fixo e variável que implicam, ou ainda pelo estabelecimento de novos sistemas regionais explicitamente vinculados à economia capitalista como um todo. Na "história dos grandes projetos", se fosse traçada uma genealogia se encontraria uma migração de modelos de organização do processo produtivo e de administração da força de trabalho. O principal ator social portador deste modelo no tempo é o engenheiro (e, por extensão, suas expressões coletivas: a escola de engenharia e a "empreiteira"), que através da acumulação de conhecimentos herdados via educação e experiência prática reproduz uma solução modelar ao início de cada obra. E por esta razão que se pode pensar os grandes projetos como uma forma de produção que mantém características estruturais semelhantes em diferentes contextos geográficos e históricos (Ribeiro 1985, 1987).

Dentro deste quadro, um aspecto fundamental diz respeito à imobilização da força de trabalho via acampamento. No Brasil, se fôssemos fazer uma genealogia de grandes projetos - pesquisa que ainda necessita ser feita consistentemente, inclusive para pensar o crescimento notável da indústria da construção no país nas últimas três décadas - certamente começaríamos com as ferrovias construídas no século passado, com especial destaque, já neste século, para a Madeira-Mamoré (Foot Hardman 1988 e Ferreira 1981). Haveria também que incluir a construção de cidades como

Belo Horizonte e Goiânia, e estradas como, por exemplo, a Via Dutra. No entanto, sem dúvida é no período do desenvolvimentismo juscelinista que começa o boom de grandes projetos que iria encontrar seu auge nos anos 70, sob o regime autoritário. Grandes obras como a hidrelétrica de Três Marias, a cidade de Brasília e a rodovia Belém-Brasília são paradigmáticas. Porém, a construção de Brasília, a "Meta Síntese" do programa juscelinista, foi não apenas a obra mais visível do período, por sua indubitável importância política, mas também aquela que representou o maior e mais complexo esforço em termos de imobilização da força de trabalho. Relembremos que, após o início das obras em 1957, em pouco mais de dois anos um território praticamente desabitado passa a ter mais de 60.000 pessoas.

Na construção de Brasília, participaram várias empreiteiras, algumas delas mineiras como JK, que futuramente seriam algumas das empresas mais poderosas do país. Como foi visto, a solução típica para o alojamento das pessoas que trabalhavam para as empreiteiras era o acampamento. Evidentemente, as empreiteiras que, no correr do tempo, se especializaram em grandes projetos, a porção privilegiada do mercado da construção civil, foram aperfeiçoando sua forma de imobilização da força de trabalho através da moradia e a organização espacial do território do projeto como um todo (isto é, o conjunto de acampamentos, canteiros de obras, estradas de serviço, etc). Um acampamento como o da Redonda, descrito na segunda parte deste trabalho, pode ser visto como um embrião a

partir do qual se gesta uma prática e um conhecimento apropriados pelas empreiteiras sobre formas específicas para solucionar a imobilização da força de trabalho em grandes projetos. De fato, hoje a solução não passa mais por distribuir os trabalhadores em diversos acampamentos das várias empreiteiras participantes na obra, mas de construir todo um território onde as divisões existentes internamente a um acampamento clássico como o da Redonda, são ampliadas, se expressando em escala bem maior. Assim, na construção de uma grande hidrelétrica contemporânea se encontra um território estruturado em diversas áreas autônomas mas relacionadas entre si. Exemplificando: o que na forma acampamento-Redonda era o lado de trabalhadores não-qualificados sem suas famílias, mas ainda parte de uma mesma unidade espacial, de um único e estratificado acampamento, na forma ampliada atual transformou-se numa área de um território, um acampamento em si, com seus equipamentos e serviços, uma unidade espacial diferenciada de outras por cercas e, frequentemente, por grandes áreas vazias que têm por função não apenas separar fisicamente as diferentes categorias sociais participantes da obra, mas também facilitar o controle dos conflitos inerentes à forma acampamento-Redonda. Ao aumento de escala e de conhecimento acumulado na administração de conflitos reais na situação acampamento/grande projeto, corresponde um aumento da eficácia do controle e subordinação da população participante de um grande projeto. Contemporaneamente, de forma mais sutil mas não por isso menos eficiente, o sistema grande projeto/acampamento continua

demonstrando, sem muito alarde, sua eficácia como forma de imobilização da força de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allen, James B. (1966). The Company Town in the American West. Norman. University of Oklahoma Press.

Balán, Jorge (1980). "Migraciones Temporárias y Mercado de Trabajo Rural en América Latina". Buenos Aires. Estudios Cedes vol. 3, no.3.

Becker, Bertha (1986). "Signification Actuelle de la Frontiere: Une Interprétation Géopolitique à partir du Cas de l'Amazonie Brésilienne". Cahiers de Sciences Humaines 22 (3-4): 297-317.

Burawoy, Michael (1976). "The Functions and Reproduction of Migrant Labor: Comparative Material from Southern Africa and the United States". American Journal of Sociology 5: 1050-1087.

Coutinho, Ronaldo do Livramento (1975). Operário da Construção. Tese de Livre Docência em Sociologia. Universidade Federal Fluminense.

Ferreira, Manoel Rodrigues (1981) . A Ferrovia do Diabo. História de uma estrada de ferro na Amazônia. São Paulo. Melhoramentos.

Foot Hardman, Francisco (1988). Trem Fantasma. A Modernidade na Selva. São Paulo. Companhia das Letras.

Foucault, Michel (1975). Surveiller et Punir. Naissance de la Prison. Paris. Gallimard.

Geertz, Clifford (1978). "Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa". In A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro. Zahar Editores.

Goffman, Erving (1974). Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo. Editora Perspectiva.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (1959). Censo Experimental de Brasília. População. Habitação. Comissão Censitária Nacional.

Laurelli, Elsa (1987) - "Los Grandes Proyectos: Estrategias de Desarrollo y Transformacion del Territorio". In Los Grandes Proyectos y el Espacio Regional. Presas Hidroeléctricas y el Sistema Decisional. Cuadernos del CEUR 19. Buenos Aires.

Leite Lopes, José Sérgio (1976). O Vapor do Diabo. O trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

(1979). "Fábrica e Vila Operária: Considerações sobre uma Forma de Subordinação Burguesa". In J.S. Leite Lopes, et al., Mudança Social no Nordeste. a Reprodução da Subordinação. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

(1988). A Tecelagem dos Conflitos de Classe na cidade das chaminés. São Paulo. Editora Marco Zero e Editora Universidade de Brasília em co-edição com o MTC/CNPq.

Leite Lopes, J.S. & L.A. Machado da Silva (1979). "Estratégias de Trabalho, Formas de Dominação na Produção e Subordinação Doméstica de Trabalhadores Urbanos". IN Mudança Social no Nordeste. A Reprodução da Subordinação. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

Nash, June & María Patricia Fernández-Kelly (orgs.) (1983). Women, Men and the International Division of Labor. Albany. State University of New York.

Neiburg, Federico (1988). Fábrica y Villa Obrera: historia social y antropología de los obreros del cemento. (2 vols.). Coleção "Biblioteca Política Argentina". Buenos Aires. Centro Editor de América Latina.

Pimentel, Lourdes (s.d.). Os Peões da Village: Uma Reflexão sobre Movimentos de Operários da Construção Civil. Mimeo.

Olien, Roger M. & Diana D. Olien (1982). Oil Booms, Social Change in Five Texas Towns. Lincoln & London. University of Nebraska Press.

Ribeiro, Gustavo Lins (1980). O Capital da Esperança: Brasília, Estudo sobre uma Grande Obra da Construção Civil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia, da Universidade de Brasília.

(1982). "Arqueologia de uma Cidade: Brasília e suas Cidades Satélites". Espaço & Debates 5: 113-124.

(1985). "Proyectos de Gran Escala: Hacia un marco conceptual para el analisis de una forma de producción temporária". In Leopoldo Bartolomé (org.): Relocalizados: Antropología Social de las Poblaciones Desplazadas. Buenos Aires. Ediciones del IDES.

(1987). "Cuanto Más Grande Mejor ? Proyectos de Gran Escala, una Forma de Producción vinculada a la expansión de sistemas económicos". Desarrollo Económico 105: 03-27.

(1988). Developing the Moon Land: the Yacyreta Hydroelectric High Dam and Economic Expansion in Argentina. Dissertação de Doutorado. City University of New York.

Rofman, Alejandro B. & Luis A. Romero (1973). Sistema Socioeconómico y Estructura Regional en la Argentina. Buenos Aires. Amorrortu Editores.

SÉRIE ANTROPOLOGIA - TÍTULOS PUBLICADOS

01. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Povo Indígenas e Mudança Sócio-Cultural na Amazônia, 1973. Republicado (*) em A Sociologia do Brasil Indígena, do mesmo autor. 2ª edição, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Ed. UnB, 1978: 173-196, e em Man in the Amazon, org. por Charles Wagley, Gainesville: The University Presses of Florida, 1974: 111-135.
02. RAMOS, Alcida Rita. Nomes Pessoais e Classificação Social na Sociedade Sãuma (Yanoama), 1973. Republicado no Anuário Antropológico/76: 13-36 e em Peasants, Primitives and Proletariats, org. por Browman e Schwartz, Haia: Mouton, 1979: 191-205.
03. MELATTI, Julio Cezar. O Sistema de Parentesco dos Índios Kraho, 1973. Republicado em Dialectical Societies, org. por D. Maybury-Lewis, Cambridge: Harvard University Press, 1979: 46-79.
04. RAMOS, Alcida Rita e Peirano, Mariza G. e S. O Simbolismo da Caça em Dois Rituais de Nominção. 1973.
05. WOORTMANN, Klaus. Comunidade e Haciendas no Peru Andino: Contribuição a uma Sociologia do Camponato Latino-Americano, 1973.
06. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Um Conceito Antropológico de Identidade, 1974. Republicado em Alter 3(4). 1973: 208-219 e em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: Pioneira, 1976: 33-52.
07. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Processos de Articulação Étnica, 1974. Republicado em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: Pioneira 1976: 53-73, e em Processos de Articulación Social. org. por Hermitte e Bartolomé, Buenos Aires: Amorrotur, 1977: 282-304.
08. MELATTI, Julio Cezar. Reflexões sobre Algumas Narrativas Kraho, 1974. A maioria das narrativas, sem as reflexões, republicadas em Folk Literature of the Gê Indians, vol. II, org. por J. Nibert e K. Simoneau, Los Angeles: University of California-UCLA, 1984: 316-354.
09. RAMOS, Alcida Rita. Identidade Étnica numa Situação Intertribal, 1974. Republicado em Hierarquia e Simbiose, org. pela mesma autora, São Paulo: HUCITEC/ Brasília: INL, 1980: 23-65.
10. RAMOS, Alcida Rita. Mundurucu. Mudança Social ou Falso Problema?, 1974. Republicado em American Ethnologist, 5, 1978: 675-689.
11. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Possibilidade de uma Antropologia da Ação entre os Tukuna, 1975. Republicado em América Indígena 37(1), 1977: 145-169 e em Sociologia do Brasil Indígena, do mesmo autor, 2ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Ed. UnB: 1976: 197-222.
12. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Reconsiderando Etnia, 1975. Republicado em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: 1976: 79-109.

(*) Os textos republicados nem sempre o são na mesma língua e por vezes sofrem modificações no título e na redação.

13. MELATTI, Julio Cezar e MONTAGNER MELATTI, Delvair. Relatório sobre os Índios Marúbo, 1975.
14. ZARUR, George de C. Leite. Pescadores do Golfo do México: Racionalidade Econômica e Sistema Social, 1976.
15. ZARUR, George de C. Leite. Repensando o Conceito de Matrifocalidade, 1976.
16. RAMOS, Alcida Rita. Extinção, Alienação ou Simbiose? 1977. Republicado como Introdução a Hierarquia e Simbiose, pela autora, São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1980: 01-17.
17. CADAXA, Maria. No Burgo do Tempo Perdido: Vondervotteimittis Revisitado, 1977.
18. RAMOS, Alcida Rita e ALBERT, Bruce. Descendência e Afinidade: O Contraste entre Duas Sociedades Yanocana, 1977. Republicado nas Actes du XLII Congrès International des Américanistes, vol. II. Paris, 1977: 71-90.
19. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Leitura de Mauss, 1977. Republicado como Introdução a Mauss, org. pelo autor. São Paulo, Ática, 1979: 05-50.
20. WOORTMANN, Klaas. Hábitos e Ideologia Alimentares em Grupos Sociais de Baixa Renda. Relatório Final, 1978.
21. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade e Estrutura Social, 1978. Republicado no Anuário Antropológico/78: 243-263 e em Enigmas e Soluções, do mesmo autor, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983: 103-125.
22. LARAIA, Roque de Barros. A Situação das Minorias Étnicas no Brasil, 1978. A parte referente ao negro, ampliada, republicada no B1B 7; 1979: 11-21.
23. LUSTIG-ARECCO, Vera. Adaptação à Caça: Uma Análise Comparativa, 1978. Republicado na Revista de Antropologia 22, 1979: 39-60.
24. MELATTI, Julio Cezar. À Procura de uma Classificação dos Personagens Mítico-Rituais Timbira, 1979. Republicado no Anuário Antropológico/79: 99-130.
25. SYGAUD, Lygia Maria. O Sindicato e a Estratégia do Capital, 1979.
26. AMARAL, Custódia Selma Sena do. Durkheim e o Estudo das Representações, 1979. Republicado no Anuário Antropológico/82: 134-164.
27. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Etnia e Estrutura de Classes, 1980. Republicado no Anuário Antropológico/79: 57-78 e em Enigmas e Soluções, do mesmo autor, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983: 126-149.
- 27a SILVERWOOD-COPE, Peter L. Os Maku - Povo Caçador do Noroeste da Amazônia, 1980. o 3º capítulo foi publicado no Anuário Antropológico/78: 176-239.
28. SILVERWOOD-COPE, Peter L. The Secret of The Pagodas (Religion and Politics in South-East Asia) 1981. Traduzido para o português no nº 62 desta mesma Série.
29. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. As Categorias do Entendimento na Formação da Antropologia, 1982. Republicado no Anuário Antropológico/81: 125-146.
30. PEIRANO, Mariza G. e S. Documentos e Identidade Social (Algumas Reflexões sobre Cidadania no Brasil), 1982. Republicado em Sociedade e Estado, vol. 1 nº 1: 49-63.
31. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Sociedade Plural" e Pluralismo Cultural no Brasil, 1982. Republicado em Tempo Brasileiro 71, 1983: 07-17 e em Proceedings of the American Ethnological Society, Washington, 1984: 35-48.

32. RAMOS, Alcida Rita. Sociedades Indígenas, 1982. Republicado com cortes, como volume da Série Princípios, São Paulo: Ática, 1986.
33. MACHADO, Lia Zanotta. Identidade e Individualismo, 1982.
34. FISCHER, Michael M. From Interpretive to Critical Anthropologies, 1982. Republicado no Anuário Antropológico/83: 55-72.
35. PEIRANO, Mariza G. e S. Etnocentrismo às Avessas: O Conceito de "Sociedades Complexas", 1982. Republicado em Dados 26(1), 1983: 97-115.
36. LARAIA, Roque de Barros. O Conceito Antropológico de Cultura, 1983. Republicado com o título Cultura: Um Conceito Antropológico, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
37. PEIRANO, Mariza G. e S. a Antropologia Esquecida de Florestan Fernandes: Os Tupinambá, 1983. Republicado no Anuário Antropológico/82: 15-49.
38. MELATTI, Julio Cezar. Antropologia no Brasil: Um Roteiro, 1983. Republicado no BIB 17, 1984: 3-52.
39. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Introdução a uma Leitura de Rivers, 1984. A ser republicada como Introdução a Rivers, org. pelo autor, São Paulo: Ática.
40. WOORTMANN, Klaas. A Família Trabalhadora, 1984. Republicado em Ciência Hoje 3(13), 1984: 26-31 e em Ciências Sociais Hoje/1984, São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1984: 69-87.
41. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia, 1984. Republicado no Anuário Antropológico/84: 191-203.
42. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A "Categoria da Causalidade" na Formação da Antropologia, 1984. Republicado no Anuário Antropológico/83: 11-52.
43. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Leitura e Cultura de uma Perspectiva Antropológica, 1984.
44. PEIRANO, Mariza G. e S. O Antropólogo como Cidadão: Louis Dumont e o Caso Brasileiro, 1984. Republicado em Dados 29 (1), 1985: 27-43.
45. RAMOS, Alcida Rita. Categorias Étnicas do Pensamento Sanumá: Contrastes Intra e Inter-Étnicos, 1984. Republicado no Anuário Antropológico/84: 95-108.
46. MACHADO, Lia Zanotta e MAGALHÃES, Themis Quezado de. Imagens do Espaço: Imagens de Vida (Um Estudo sobre Brasília) 1984. Republicado em Brasília, Ideologia e Realidade: Espaço Urbano em Questão, org. por Aldo Paviani, São Paulo: Projeto, Brasília, CNPq, 1985: 191-214.
47. MACHADO, Lia Zanotta. Família, Honra e Individualismo, 1985.
48. MELATTI, Julio Cezar. A Origem dos Brancos no Mito de Shoma Wetsa, 1985. Republicado no Anuário Antropológico/84: 109-173.
49. MELATTI, Julio Cezar. Curt Numuendajú e os Jê, 1985.
50. WOORTMANN, Klaas. A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino, 1985. Republicado em Dados, vol. 29, nº 1, 1986: 103-130.
51. RAMOS, Alcida Rita; LAZARIN, Marco Antonio e GOMEZ, Gale Goodwin. Yanomami em Tempo de Ouro (Relatório de Pesquisa) 1985. Republicado em Cultura Indígena de la Amazonia. Catálogo del Quinto Centenario. Madrid: Biblioteca Quinto Centenario, 1986:73-83.
52. RAMOS, Alcida Rita. Sociedades Indígenas. A Classificação de Parentes, 1986. Trecho do

nº 32 da Série Antropológica não publicado no volume da Coleção Princípios, São Paulo: Ática, 1986.

53. PEIRANO, Mariza G. e S. O Encontro Etnográfico e o Diálogo Teórico. Republicado no Anuário Antropológico/85. Rio: Tempo Brasileiro, 1986.
54. MELATTI, Julio Cezar. "Wenía: A Origem Mitológica da Cultura Marúbo", 1986.
55. LARAIA, Roque de Barros. Os Estudos de Parentesco no Brasil, 1987. Republicado em BIB 23. 1987: 3-17.
56. CARVALHO, José Jorge de. O Jogo das Bolinhas de Vidro: Uma Simbólica da Masculinidade, 1987. A sair no Anuário Antropológico/87.
57. PEIRANO, Mariza G. e S. A Índia das Aldeias e a Índia das Castas: Reflexões sobre um Debate, 1987. Republicado em Dados, vol. 30, nº 1, 1987: 109-122.
58. PEIRANO, Mariza G. e S. O Pluralismo de Antonio Candido, 1987.
59. CARVALHO, José Jorge de. A Força da Nostalgia: A Concepção de Tempo Histórico dos Cultos Afro-Brasileiros Tradicionais, 1987. Republicado em Religião e Sociedade, vol. 14, nº 2, 36-61. 1988.
60. LARAIA, Roque de Barros. Etnologia Indígena Brasileira: um Breve Levantamento, 1987.
61. SEGATO, Rita Laura. Algunas Propuestas para un Estudio del Cambio Religioso: La Expansión Evangélica en la Quebrada y Puna Jujeñas, 1987.
62. SILVERWOOD-COPE, Peter L. O Segredo dos Pagodes: Religião e Política no Sudeste Asiático, 1987. Tradução do nº 28 desta Série.
63. SENA, Custódia Selma. Em Favor da Tradição ou Falar é Fácil, Fazer é que são Elas. 1987.
64. LARAIA, Roque de Barros. A Morte e as Mortes de Curt Nimuendajú, 1988. in Ciência Hoje, vol. 8, nº 44.
65. PEIRANO, Mariza G.S. "Are You Catholic? Relato de viagem, Reflexões Teóricas & Perplexidades Éticas. 1988. Republicado em Dados, vol. 31, nº 2, p. 219-242.
66. RAMOS, Alcida Rita. Vozes Indígenas: O Contato Vivido e Contado. 1988. A sair no Anuário Antropológico/87 e em Nation-State and Indian in Latin America, org. por Greg Urban e Joel Sherzee.
67. RAMOS, Alcida Rita. A Antropologia Brasileira Vista Através do Anuário Antropológico, 1988.
68. LARAIA, Roque de Barros. A Morte nas Sociedades Tupi-Guarani, 1988.
69. WOORTMANN, Klaas A.W. "Com Parente não se Negucéia": O Campesinato como Ordem Moral, 1988. A sair no Anuário Antropológico/87.
70. RIBEIRO, Gustavo Lins. Descotidianizar. Extrañamiento y Conciencia Práctica. Un Ensayo sobre la Perspectiva Antropológica. 1988.
71. CARVALHO, José Jorge. A Antropologia e o Nihilismo Filosófico Contemporâneo, 1988. Republicado no Anuário Antropológico/86, 153-181. Brasília: Ed. UnB/Tempo Brasileiro.
72. ARAGÃO, Luiz Tarlei de. Perspectivas de Ocupação do Cerrado na Região de Brasília ou Notas para uma Antropologia do Sertão, 1988.

73. SEGATO, Rita Laura. A Vida Privada de Iemanjá e seus Filhos: Fragmentos de um Discurso Político para Compreender o Brasil. 1988. A sair no Anuário Antropológico/87.
74. CARVALHO, José Jorge de. Violência e Caos na Experiência Religiosa, 1988.
75. SEGATO, Rita Laura. A Antropologia e a Crise Taxonômica na Cultura Popular. 1988. A sair pelo INF. FUNARTE.
76. PEIRANO, Mariza e Souza. Teoria e Prática da Antropologia: Dois Exercícios. 1988.
77. CARVALHO, José Jorge de. O Lugar da Cultura Tradicional na Sociedade Moderna. 1988.
78. MELATTI, Julio Cesar. Dos Alicerces Somáticos das Culturas Panos Considerados Por Elas Pró prias. 1989.
79. KRACKE, Waud. O Poder do Sonho no Xamanismo Tupi (Parintintin). 1989.
80. CARVALHO, José Jorge de. Nietzsche e Xangô: Dois Mitos do Ceticismo e do Desmascaramento. 1989.
81. RIBEIRO, Gustavo Sérgio Lins. Militares, Antropologia, Desenvolvimento¹ (Uma Abordagem Pre liminar). 1989.
82. PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Só para Iniciados. 1989.
83. PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Diálogos, Debates e Embates. 1989.
84. RIBEIRO, Gustavo Lins. Acampamento de Grande Projeto, Uma Forma de Imobilização da Força de Trabalho pela Moradia. 1989.
85. RIBEIRO, Gustavo Sérgio Lins. Latin America and the development debate*.
86. SEGATO, Rita Laura. Um Paradoxo do relativismo: O Discurso Racional da Antropologia Frente ao Sagrado ¹
87. WOORTMANN, Klaas. Migração, Família e Campesinato. 1990.
88. LARAIA, Roque de Barros. A Cultura Brasileira. 1990.

